

O ROMANCE VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS SOB A ÓTICA DO POEMA CÍCLICO EM PROSA

Victor Hugo Ribeiro de Sousa

(Graduado em Letras - UFRJ / Graduando em Administração - UNIRIO)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar a estrutura do romance *Vidas Secas*, a partir da definição de dois conceitos: o poema em prosa, que surge opondo-se à ideia renascentista de pureza dos gêneros e das formas fixas da poesia, fundindo dois gêneros, e do poema cíclico, que procura controlar o tempo por meio do ritmo e de formas rítmicas regulares. Desse modo, será analisado o conteúdo poético dessa obra com foco nestes dois subgêneros e no destaque dado à linguagem, que tem papel muito relevante no romance.

Palavra-chave: **Vidas Secas; poema em prosa; poema cíclico.**

ABSTRACT: This paper aims to analyze the structure of the novel *Vidas Secas*, based on two concepts: the prose poem, which arises opposing the Renaissance idea of pure genre and fixed forms of the poetry, merging two genres; and of the cyclic poem, which seeks to control time through rhythm and regular rhythmic forms. Thus, the poetic content of this work will be analyzed, focusing on these two sub-genres and the emphasis given to the language, which plays a very relevant role in the novel.

Key word: **Vidas Secas; prose poem; cyclic poem.**

Introdução

O romance cíclico de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, publicado em 1938, narra a história e as dificuldades de uma família de retirantes que tenta fugir da seca em busca de uma vida melhor, realidade bem familiar aos sertanejos brasileiros. A narrativa tem como personagens principais o vaqueiro Fabiano (o pai), Sinhá Vitória (a mãe), o Menino Mais Velho (filho), o Menino Mais Novo (filho), a cadela Baleia, que era como um membro da família, e o Papagaio que não sabia falar.

A narrativa trata com realismo a vida dura e miserável no sertão nordestino brasileiro, gerada essencialmente pelo clima semiárido da região. Entretanto, não é somente essa característica que prende a atenção do leitor, mas também a estrutura da narrativa, que se revela original ao deixar para segundo plano a história, tornando-se, ela própria, o objeto da narrativa deste poema em prosa. Tendo em vista isso, este trabalho se propõe a analisar alguns dos pontos que identificam estes traços de originalidade na escrita.

O poema em prosa

No Renascentismo, acreditava-se na pureza dos gêneros e, com isso, estabelecia-se moldes fixos e fechados a eles, conseqüentemente, ao poema também. Isso se mantém até a metade do século XVIII, quando o Romantismo inicia o questionamento dos impeditivos da impureza ou mistura de gêneros e da quebra das formas rígidas do poema, em busca da inspiração e da imaginação, já que a poesia não habitava nenhuma forma genuína e era mais ligada à música e ao ritmo. Contudo, foi com o poema em prosa que ocorreu uma revolta ainda maior contra as imposições renascentistas, com a fusão das características de dois gêneros supostamente opostos, resultando num terceiro.

O poema em prosa, que tem como núcleo de seu substantivo composto a palavra “poema”, possui a forma da prosa, porém seu foco são as características do poema (salvo a rima e a métrica, pois são justamente elas o motivo da rebelião), no intuito de tratar da linguagem como arte.

Prosa, uma palavra de etimologia latina (*prosus*, -a, -um), significa oração solta, em oposição ao verso, que é uma oração presa ao metro. Para os autores do poema em prosa, a liberdade de criar e recriar a linguagem é o que importa, porém as formas e as regras fixas comprometem essa liberdade. Por conta disso, adota-se a forma da prosa, que possui uma linguagem menos preocupada com ritmo, rima, métrica, aliteração e outros itens relacionados ao som, para escrever o poema, porque o que está em jogo é a linguagem e não a forma.

Não é difícil confundir um poema em prosa com uma prosa poética, também conhecida como poesia em prosa. Entretanto, o segundo gênero tem como núcleo o substantivo “prosa”, adotando, portanto, as normas da prosa como princípio, mas se completando com o substantivo “poética”, que se origina de “poesia”, cuja intenção é trazer a subjetividade.

Poesia não é o mesmo que poema, uma poesia é sempre um poema, porém um poema nem sempre é uma poesia. Enquanto o poema é a forma, a estrutura; a poesia é a parte abstrata, subjetiva.

Por isso, a prosa poética compartilha algumas características do poema em prosa, mas a poesia em prosa tem como seu objeto o conteúdo da prosa. A poética reforça o que foi dito pela prosa, de maneira subjetiva, e ela não é exatamente um gênero sem autonomia, aparece em outros gêneros, como em parte(s) de um conto ou um romance.

O poema em prosa se serve da recusa de moldes e convenções da prosa, à medida que impõe novas leis, como um poema; o que gera a contradição do princípio anárquico e destrutivo, que nega as formalidades vigentes, e do princípio orgânico e construtivo, que tem como fim a construção do todo narrativo. O descompromisso com as formas anteriores e o uso da linguagem para superar ela mesma caracterizam este novo “gênero”, que nasce como um anti-gênero?.

É importante assinalar que tal tema também promove um efeito de reiteração, sendo possível, mais uma vez, perceber que o poema em prosa é um universo fechado nele mesmo.

Esse universo fechado faz com que não perca seu *status* de poema dentro da prosa. Sua forma anárquica, como diz Bernard, busca, por meio da destruição de moldes antigos, criar um novo mundo poético. Conclui-se, então, que o poeta torna-se um criador não do texto, mas de um novo gênero, de um novo modo de expressão. (IGNEZ; 2011; p.07)

Deste modo, o poeta em prosa quebra o paradigma de gêneros, trazendo novas possibilidades para sua arte, por intermédio da linguagem, criando outros modos de expressão. O poema em prosa é como um bloco em que todas as suas partes se relacionam e se completam. Ele não se relaciona com o externo e nem procura significar algo específico.

O romance Vidas Secas

Segundo a tradição francesa, o poema em prosa pode ser de duas naturezas: o poema iluminação - de Rimbaud, os surrealistas- que rompe com as convenções e noções de ordem, lógica, razão, estrutura, tempo e duração, e o poema cíclico ou formal - de Bertrand, os parnasianos - que procura domar o tempo, estabelecendo-lhe ritmo e formas rítmicas

regulares. Como o segundo é o único relevante para o desenvolvimento deste trabalho, somente ele será aprofundado.

O poema formal se aproxima mais da música e busca imobilizar o tempo, através de sua estrutura circular. Ele se compõe de dois itens principais: as coplas, que são responsáveis pelo ritmo, e as repetições, que auxiliam na organização rítmica, baseadas no princípio do retorno.

Nota-se tais características no ritmo das orações curtas que compõem os parágrafos dos capítulos, assemelhando-as a versos de estrofes, e nos intervalos entre os parágrafos. Nas repetições presentes nos capítulos, também se atesta esses traços, pois cada um tem o seu correspondente, como é o caso do capítulo MUDANÇA I, que aborda a chegada da família à fazenda, e o capítulo FUGA XIII, que mostra a partida da mesma. Reforçam essa ideia: o ciclo da exploração dos mais poderosos sobre os mais humildes, através do cobrador de impostos, do soldado e do patrão de Fabiano; a fuga da seca dos filhos como sendo o mesmo destino de seus pais; o “chape-chape da sandália” e o “barulho do chocalho da vaca”, que soam como um refrão.

Em *Vidas Secas*, o narrador utiliza o discurso livre indireto. Através disso, ele se retrai e a visão de mundo se dá pela percepção e consciência do personagem, também conhecido como refletor, isso se realiza no *hic et nunc*. Neste romance, são vários os refletores, o que torna rico o ponto de vista de um mesmo evento. Logo, a mediação se concretiza por meio de dois filtros: do refletor, que percebe o mundo, e do narrador, que usa a visão do refletor, pensador, perceptivo, mas que não fala.

FABIANO curou no rastro a bicheira da novilha raposa. Levava no aió um frasco de creolina, e se houvesse achado o animal, teria feito o curativo ordinário. Não o encontrou, mas supôs distinguir as pisadas dele na areia, baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e rezou. Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte.

Cumprida a obrigação, Fabiano levantou-se com a consciência tranquila e marchou para casa. Chegou-se a beira do rio. A areia fofa cansava-o, mas ali, na lama seca, as

alpercatas dele faziam chape-chape, os badalos dos chocalhos que lhe pesavam no ombro, pendurados em correias, batiam surdos. (RAMOS; 1982; p.08)

No trecho acima, no qual o vaqueiro sai à caça de uma raposa ferida para ajudá-la, ao mesmo tempo em que o narrador fala da procura do sertanejo, também descreve a reação de Fabiano se a encontrasse. Contudo, o rapaz não a encontra e, a partir do que ele pensa ser a pegada do animal, faz uma oração, acreditando tê-la curado através da fé. Ele também se refere ao alívio do personagem ao conseguir ajudar a raposa e ao cansaço que o consumia no caminho para casa, além da percepção que o personagem tem do local, durante o caminho de casa: a beira do rio, a areia fofa, a lama seca em seu calçado. Desta maneira, também se desenha o cenário da trama, a partir dos olhos e das sensações dos refletores.

A aliança entre perspectiva dos personagens e narrativa do autor torna a narração rica e também representa o teor cíclico de Ramos, quando o autor narra um mesmo evento em várias perspectivas, adiantando o tempo, retornando-o e até imaginando possibilidades dele se realizar, dito de outro modo, criando dobras no tempo. Neste sentido, também se brinca com a noção de espaço que serve de referência para o tempo.

NA PLANÍCIE avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através do galho pelado da caatinga rala. (RAMOS; 1982; p. 03)

A paisagem também se forma de maneira subjetiva e a partir dos olhos de Fabiano e sua família, que, ao mudarem-se para fugir da seca, deparam-se com um cenário castigado pela própria natureza. Eles são submetidos a uma viagem longa e sem destino, sem saber mesmo se sobreviverão a ela

e, devido à infertilidade do solo, também encaram seca e fome durante todo o trajeto.

Essa mesma saga se repete na vida dos sertanejos de geração em geração, junto com o ciclo da seca, sendo essa constatação outro recurso em que se atesta a natureza cíclica e atemporal do romance.

A maneira criativa como Ramos manipula a linguagem também é fator determinante para classificar sua obra como um poema em prosa, uma vez que ele faz uso da linguagem pobre dos personagens para reforçar a pobreza e infertilidade do ambiente em que se desenvolve a trama.

Para muitos linguistas e artistas, a linguagem do homem é o que o diferencia dos demais animais. Enquanto os outros animais a usam basicamente para preservar sua espécie: como artifício de reprodução, defesa de território e conquista de alimento; o homem consegue ir além e a utiliza também para expressar ideias e sentimentos, representar coisas, inventar e reinventar mundos, sendo a linguagem humana considerada uma das mais complexas entre os demais seres.

A língua(gem) é uma característica eminentemente humana, capaz de tornar o ser humano político, social, munido de cidadania, assim como o homem, os demais animais possuem a voz, mas não a palavra [...].

A necessidade de comunicar-se, expressar-se, fez com que surgisse a língua(gem) humana, através dela o homem pode criar e recriar o mundo segundo seus mitos, 'e deus disse: Faça-se!', e foi feito. (BASTOS; p. 02; 2008)

A narrativa do romance é baseada na percepção e nas sensações dos refletores, mas se pode notar que, em toda ela, são raros os momentos em que os personagens se pronunciam. Isso porque eles têm dificuldade de relacionarem-se, uma vez que a vida dura e restrita dos recursos mais básicos para uma vida digna: casa, comida, água e educação, condicionam-nos a uma vida primitiva, melhor dizendo, a viver como um animal irracional, limitando sua linguagem a algo essencial à sua

sobrevivência. Dessa maneira, usa-se da linguagem dos personagens para animalizá-los, ou seja, aproximá-los dos animais.

Atesta-se a animalização dos personagens através da comparação deles com seus bichos de estimação. A cadela Baleia, por exemplo, aparece mais humana que seus donos e isso pode ser percebido na cena em que Ramos narra sua trágica morte, ressaltando sua agonia, seus medos e suas lembranças, a cadela chega a dar seus últimos passos usando duas patas. Humanizando Baleia, contrasta-se a animalização dos membros da família. Vale destacar que Baleia tinha um nome, mas os filhos do casal e o papagaio não.

O Papagaio também é usado como recurso para aferir a animalização da família, pois a ave que é famosa por conseguir reproduzir a fala humana não emite uma palavra, ela não tem “o que” e nem “de quem” reproduzir enunciados. Sendo assim, ela não tem finalidade e acaba servindo de alimento para a família.

Dessa maneira, a linguagem, que é um dos traços que distingue o homem dos demais animais, por ser limitada, acaba por aproximá-lo. Sua limitação também é vista como reflexo do clima pouco fértil e dos problemas sociais contidos no mesmo, como falta de água, comida e outros itens básicos para nossa sobrevivência. Falta-se alimento a ponto de ser necessário comer as palavras para subsistir. Destarte, o próprio sacrifício do papagaio transformado em comida, uma representação simbólica do comer palavras para sobreviver à miséria.

(Fabiano) Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. (...) As vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopéias. (RAMOS; 1982; p. 09)

Por isso, Fabiano é comparado a um bicho, já que devido à pouca instrução, ele tem dificuldades de comunicar-se com outros humanos. Isso também o torna submisso e vulnerável aos patrões que o exploram, e às autoridades que abusam de seu poder. Sendo assim, mesmo tomando conhecimento de tudo e ficando revoltado, o vaqueiro é incapaz de reagir contra seus opressores: seu patrão, o cobrador de impostos e o soldado, pois ele não sabe como fazer isso, mal sabe falar. A passividade de Fabiano se compara a certos animais usados para transportar cargas, que suportam todo o tipo de exploração que lhe é imposta, mesmo os castigos físicos para produzir mais, até caírem e não mais se erguerem ou morrerem.

Considerações finais

O romance é composto por um dos três subgêneros da prosa, que divide espaço com o conto e a novela: o poema em prosa, caracterizado por sua narrativa peculiar; tendo como características uma história com um ou mais personagens primários, podendo possuir histórias e personagens secundários; não tendo nem espaço e nem tempo preestabelecidos. Além disso, o romance procura estabelecer uma relação entre homem e mundo.

Portanto, sendo o romance uma espécie de prosa, ele pode servir de molde para o poema em prosa, como acontece na obra de Graciliano Ramos. Diferentemente dos romances tradicionais, em *Vidas Secas*, a história do romance não é o mais importante, ela não tem início, nem fim e se passa entre uma seca e outra, como um ciclo. Ela não procura trazer nenhuma mensagem e nem levar a algum lugar, o narrador se mantém imparcial.

Embora o narrador brinque com a noção de espaço e tempo, uma hora ele se refere ao que realmente acontece e outra a como os personagens queriam que acontecesse. Ele intercala lembranças do passado e imaginação do futuro com o que ocorre no presente, no entanto, a trama não sofre nenhuma alteração por isso.

No capítulo CADEIA III, Fabiano é preso por desacato e, chegando no cárcere, ainda ganha uma surra. Ele não entende “o que” e “por que” aquilo

tudo acontece, pega ódio do soldado que o lesou e depois o prendeu, imagina várias vinganças, porém no capítulo O SOLDADO AMARELO XI, o vaqueiro tem a oportunidade de realizar sua vingança, mas baixa a cabeça mais uma vez para o soldado.

Seus capítulos funcionam como um bloco, que se preservam exatamente onde deveriam estar; uma alteração desconfiguraria toda a noção de ciclo. Graciliano Ramos utiliza a própria linguagem para representar a pobreza e a relação do lugar com os personagens. Por isso, além dos personagens falarem pouco, usam um vocabulário bem restrito.

Em síntese, este trabalho apontou algumas características da forma e da linguagem no romance de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, na perspectiva do poema cíclico em prosa, conforme proposto. Essas características tornam este romance uma obra singular na literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Rafael Lira Gomes. *As contribuições das teses inatistas para os estudos de aquisição e desenvolvimento da linguagem*, 2008. Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/4883/3608>

Acesso em: 17/07/2012

IGNEZ, Alessandra Ferreira. *O gênero em diferentes abordagens discursivas*. São Paulo: Paulistana, 2011.

LINS, Álvaro. In Posfácio de Álvaro Lins 72. *Vidas Secas de Graciliano Ramos*, 45ª edição, 1982.

RÉGIS, Lillian Cruz et ali. In *O poema em prosa de Mário Quintana e a crônica de Rubem Braga: interconexões*, 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/regis-lillian-pereira-lindjane-o-poema-em-prosa-de-mario-quintana.pdf>

Acesso em: 17/07/2012

SIMPÓSIO. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~simposio/megaestetica/fil-geral-daarte/0531y610.html>

Acesso em: 17/07/2012

VIDAS Secas. Direção: Nelson Pereira dos Santos, 1963. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m5fsDcFOdwQ>

Acesso em: 17/07/2012